

## O jornal como tribuna: uma polêmica literária nas “Balas de Estalo”

### The newspaper as tribune: a literary polemic in “Balas de Estalo”

Rodrigo César DIAS<sup>1</sup>

**Resumo:** o presente trabalho propõe a realização de uma leitura do jornal brasileiro do último quartel do século XIX enquanto plataforma de debate público, abordando especificamente o caso da *Gazeta de notícias*. Para tanto, são analisados dois conjuntos de textos: a polêmica literária travada por Silvio Romero e Valentim Magalhães em 1884, cujos textos foram publicados, respectivamente, n’*A Folha nova* e na *Gazeta de notícias*, e a paródia de polêmica desenvolvida paralelamente pelos pseudônimos Lulu Sênior e Zig-Zag – correspondendo, respectivamente, aos autores empíricos Ferreira de Araújo e Henrique Chaves – na série “Balas de estalo”. Com isso, pretende-se observar, primeiramente, a representatividade da prática da polêmica nesse contexto, relacionando-a com a ideia de um discurso polêmico enraizado na experiência brasileira. Em uma visada mais específica, levantamos a hipótese de que a função dos pseudônimos da série “Balas de estalo” varia conforme uma conveniência de procedimentos por parte dos autores empíricos, oscilando entre a simples assinatura e o personagem-narrador ficcionalmente, apresentando diversos gradientes de investimento e elaboração ficcionais conforme o objeto e/ou temática abordados no texto.

**Palavras-chave:** Lulu Sênior, Zig-Zag, polêmica literária, “Balas de estalo”, *Gazeta de notícias*.

**Abstract:** This paper aims to accomplish a reading of the Brazilian newspaper of the last quarter of the 19<sup>th</sup> century as a platform for public debate, specifically approaching the case of *Gazeta de notícias*. To this purpose, we analyzed the 1884 literary polemic between Silvio Romero and Valentim Magalhães, whose texts were published in *A Folha nova* and *Gazeta de notícias*, respectively. In addition, we studied the parody of polemic made by the pseudonyms Lulu Sênior and Zig-Zag – corresponding to the empiric authors Ferreira de Araújo and Henrique Chaves, respectively – in the section “Balas de estalo”. This way, we intended to not only observe the representativeness of the practice of polemics in the news context, but also relate it with the idea of a polemic discourse deep-rooted in the Brazilian experience. On a more specific approach, we have hypothesized that the function of pseudonyms in “Balas de estalo” varies according to a convenience of procedures taken by the empiric authors. Oscillating between the signature and the fictionally constituted character-narrator, these pseudonyms presented several nuances of fictional elaboration according to the object and/or theme of the text.

**Keywords:** Lulu Sênior, Zig-Zag, literary polemic, “Balas de estalo”, *Gazeta de notícias*.

---

<sup>1</sup> Graduando em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, 91509-900, Porto Alegre, Rio Grande do Sul – Brasil. E-mail: rodrigo7dias@gmail.com. Trabalho elaborado sob orientação do Prof. Dr. Antônio Marcos Vieira Sanseverino, docente de Literatura Brasileira na UFRGS.

## 1. Considerações iniciais

O presente trabalho tem por objetivo a realização de uma leitura do jornal brasileiro do último quartel do século XIX enquanto plataforma de debate público, abordando especificamente o caso da *Gazeta de notícias*. Para tal, foram analisados a título de *corpus* central os seguintes conjuntos de textos: 1) a polêmica literária travada entre Silvio Romero e Valentim Magalhães em torno do livro de poemas *Os últimos harpejos*, publicado pelo primeiro em 1883, e 2) a paródia de polêmica literária desenvolvida pelos pseudônimos Lulu Sênior e Zig-Zag – correspondendo respectivamente aos autores empíricos Ferreira de Araújo e Henrique Chaves – na série coletiva "Balas de estalo". Como *corpus* difuso, entra a leitura das edições da *Gazeta de notícias* e d'A *Folha nova* que circundam esses textos.<sup>2</sup> Essa seleção parte do pressuposto de que o jornal apresenta uma rede de textos tensionados entre si e em relação a textos publicados em outros veículos coetâneos, constituindo uma espécie de mosaico; logo, o estudo do *corpus* central amparado pelo *corpus* difuso possibilita uma análise mais acurada do material por conta da reconstituição – ainda que limitada – das linhas de força que se faziam presentes no contexto de produção da época. A leitura dos periódicos foi realizada através das edições digitalizadas pela Biblioteca Nacional<sup>3</sup>, tomando a diagramação do jornal como fator relevante para a análise.

Com isso, pretendemos aqui não só observar as polêmicas abordadas enquanto episódios pontuais, mas, principalmente, observar a representatividade social da prática da polêmica no contexto em que ela está inserida, buscando entender os nexos entre o gênero do discurso polêmica e as esferas de atividade humana das quais ele se origina, considerando a viabilidade de parodiação como um índice de sua sedimentação.<sup>4</sup> Como objetivo mais específico, levantamos, a partir da análise formal da paródia desenvolvida por Lulu Sênior e Zig-Zag, a hipótese de que a função dos pseudônimos nas "Balas de

---

<sup>2</sup> Para ser mais exato, foram lidas as edições da *Gazeta de Notícias* de 30/01/1884 a 17/02/1884 e da *Folha nova* de 29/01/1884 a 03/02/1884), sendo que os textos de Romero foram publicados na *Folha nova* enquanto os demais foram publicados na *Gazeta*.

<sup>3</sup> Os periódicos podem ser consultados no site da Hemeroteca Digital Brasileira (<http://memoria.bn.br>). A ortografia dos nomes de periódicos não foi atualizada a fim de eles corresponderem às entradas no site.

<sup>4</sup> Essa hipótese parte do conceito de gêneros do discurso desenvolvido por Bakhtin (2007), tendo em vista uma delimitação mais precisa do gênero polêmica.

estalo" varia conforme uma **conveniência de procedimentos** por parte dos autores empíricos, oscilando da simples assinatura até o personagem-narrador constituído ficcionalmente e tratado enquanto tal pelos outros pseudônimos e mesmo por autores que não participavam da série – contando, inclusive, com colaboradores de outros veículos. Desse modo, considerando que a prática da polêmica na imprensa constituía um espaço de debate público, uma espécie de tribuna a partir da qual os polemistas não só defendiam ideias e valores, mas também construía sua imagem pública – geralmente a partir da desconstrução do outro e não raro por meio de insultos pessoais –, faz-se necessário que, para que a polêmica seja mimetizada eficientemente nas "Balas", os pseudônimos envolvidos sejam caracterizados de forma mais concreta, fornecendo “munição” para a troca de insultos. No caso dos textos abordados no presente estudo, tal caracterização será construída a partir da alusão de Zig-Zag e Lulu Sênior a obras fictícias supostamente produzidas por ambos os pseudônimos, sendo utilizadas como ensejo de sua polêmica fictícia, assumindo função análoga à desempenhada pela obra de Silvio Romero e de Valentim Magalhães em sua polêmica real.

## **2. A *Gazeta de notícias*: suporte material e clima ideológico**

Para que essa análise seja empreendida, é fundamental que dediquemos um olhar mais atento para o suporte material em que os textos eram veiculados, buscando evitar anacronismos decorrentes da projeção dos modelos de jornal que temos nos dias de hoje sobre os do período abordado. As edições analisadas da *Gazeta de notícias* contavam com quatro páginas, em formato *standard*, divididas em oito colunas. Dentre esse espaço, aproximadamente treze colunas eram utilizadas para a publicação de conteúdo do periódico (notícias, artigos, crônicas, folhetim etc.) e conteúdo de fontes (como telegramas diversos ou material da agência de notícias Havas), sendo que as colunas restantes eram divididas entre a seção de publicações a pedido e anúncios publicitários.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Conforme informações levantadas no jornal, as publicações a pedido custavam 120 réis por linha (cf. José do Egito, “Balas de estalo”, *Gazeta de notícias*, 11/07/1883). Frequentemente as edições apresentavam, conforme demanda, duas ou quatro páginas adicionais dedicadas a anúncios publicitários, editais, regimentos de sociedades etc.

Dessa forma, a título de ilustração, apenas cerca de 40% do jornal era ocupado por conteúdo produzido ou selecionado pela redação, o que indica o grau de dependência da publicidade para a manutenção operacional do veículo.

Essa profusão de anúncios é sintomática, visto que a *Gazeta de notícias*, fundada em 1875 por Ferreira de Araújo, Elísio Mendes e Manuel Carneiro, representou um ponto de inflexão na imprensa brasileira por conta de sua estruturação enquanto empreendimento capitalista. Esse modelo se coloca como alternativa tanto ao jornal subvencionado por associações ou partidos políticos quanto aos jornais "informativos" e supostamente neutros politicamente, cujo exemplo principal é o *Jornal do commercio*, por vezes tratado pelos redatores da *Gazeta* como um órgão "quase oficial" por conta de sua influência e alinhamento com o governo.

Levando em consideração a estreita relação entre jornalismo, economia e política, pensamos que seja oportuno tecer uma reflexão acerca dos graus de autonomia possíveis para a imprensa nesse jogo. Claudio Weber Abramo, em seu artigo "Brazil: a portrait of disparities", analisa esse triângulo partindo do princípio de que a venda de exemplares nunca cobre os custos operacionais de um jornal, o que ficaria a cargo da publicidade. Entretanto, segundo o autor,

onde a produção econômica é fraca, não só as empresas não possuem recursos financeiros disponíveis para pagar por publicidade como também o mercado/público leitor em potencial dos jornais é pequeno. Em geral, a classe média e a classe trabalhadora (dentre estes os que possuem empregos, e nem tantos os têm) não possuem renda suficiente para gastar em jornais. Sua dificuldade para acessar informação é ainda agravada por altos índices de analfabetismo (ABRAMO, 2007, p. 94, tradução minha)<sup>6</sup>.

Nessas condições, pois, a imprensa assume uma posição mais subserviente em relação aos grupos que controlam a economia e, direta ou indiretamente, a política. Em contrapartida, nas regiões onde a economia é mais forte, observamos a produção de informações articulada como um negócio, em que os grupos detentores dos jornais estabelecem uma relação de competição nos moldes capitalistas – e não clientelistas,

---

<sup>6</sup> “Where economic production is weak, not only do firms not make enough money to pay for advertising but the newspapers’ potential market/readership is small. On the average, the middle and working classes (those who have jobs, and not too many do) do not earn enough to spend on newspapers. Their inability to access information is also compounded by low literacy rates”.

como no outro caso. Desse modo, o movimento ideológico se dá de forma mais indireta – ou mais velada –, pois o jornal não se comporta como braço de partido político, mas como um agente produtor de informações ideologicamente alinhado a determinados projetos políticos.

Deslocando essa discussão da cena atual para o caso específico da *Gazeta de notícias*, observa-se a importância da tiragem em larga escala e da popularização do jornal, que se torna mais acessível não só em relação ao preço, mas também em relação ao conteúdo.<sup>7</sup> Pelo prisma econômico, a *Gazeta* foi o primeiro periódico brasileiro de grande porte a lançar mão da venda de números avulsos como alternativa à assinatura semestral ou anual, atingindo em 1880 uma tiragem de 24.000 cópias, volume muito expressivo para a época.<sup>8</sup> A respeito do conteúdo, a *Gazeta* trazia um texto mais leve, visando um público mais heterogêneo. Em carta enviada a Mariano Pina por ocasião de sua nomeação como correspondente da *Gazeta* em Paris no ano de 1882, Henrique Chaves, colaborador do periódico desde sua fundação e diretor do veículo após a morte de Araújo em 1900, dirige-lhe os seguintes conselhos: "não debes perder de vista que a *Gazeta* é uma folha **popular**. Não debes pois ter preocupações de escola, na maneira de escrever. Escreve do modo que possas agradar ao maior número" (CHAVES, 1882 apud MINÉ, 2000, p. 216, grifo do autor).

Essa busca pela expansão do mercado consumidor e, concomitantemente, do público leitor, inscreve-se em um panorama de crise política e modernização

---

<sup>7</sup> Popularização ainda que de forma restrita, visto que, conforme o censo de 1872, menos de 16% da população do Império era alfabetizada – considerando os gradientes possíveis de letramento dentro dessa classificação –, sendo que, na Corte, a taxa alcançava os 36%. (Disponível em: <<http://www.nphed.cedeplar.ufmg.br/pop72/index.html>>. Acesso em: 24/08/2015). Em relação ao preço, a assinatura da *Gazeta* custava 12\$000 na Corte, sendo que suas edições avulsas eram vendidas por 40 réis; a assinatura do *Jornal do commercio*, por sua vez, custava 30\$000, sendo que em 1883 – quando também já era vendido avulso – cada edição custava 100 réis, (cf. KOSERITZ, 1980, p.56). Para ancorar esses valores, podemos lançar mão dos seguintes exemplos: com 40 réis podia-se comprar 250g de arroz; com 12\$000, podia-se comprar um ingresso para o camarote no Teatro Fênix Dramática ou uma calça e colete de brim de linho de cor (Cf. *Gazeta de notícias*, p. 4, 11/02/1884, ed. 42).

<sup>8</sup> A título de comparação, destaco as tiragens de dois periódicos com alcance relevante à época, quais sejam, *O Paiz*, fundado em 1884, que atinge a o número de 14.000 exemplares ao final do mesmo ano e o *Diário de Notícias*, fundado em 1885, que parte dos 20.000 exemplares. Como veículos relevantes, ainda que suas tiragens não estejam disponíveis nos materiais consultados, figuram *O Globo*, a *Gazeta da Tarde* e, é claro, o *Jornal do commercio*, o grande concorrente da *Gazeta de notícias*. Essa seleção parte do panorama desenhado por Nelson Werneck Sodré ao longo de sua *História da imprensa no Brasil* (1966).

conservadora, desenhado por Angela Alonso em seu estudo *Ideias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil-Império*. Conforme a autora, tal cenário refletia uma mudança estrutural no Império, tendo por marcos principais a Lei do Ventre Livre, assinada em 1871, e a reforma do ensino superior, em 1874. Desse modo, as fissuras na estrutura político-econômica brasileira conjugadas com o aumento da oferta do ensino superior, que começa a ser acessado por estamentos sociais outrora excluídos, proporcionam uma expansão da **estrutura de oportunidades políticas**, conceito utilizado por Alonso e desenvolvido principalmente por Charles Tilly e Sidney Tarrow, que consistiria, basicamente, no espaço de mobilidade que os agentes possuem como oportunidade de ação coletiva margeado pelas restrições impostas a eles pelo Estado e por suas formas de repressão (TARROW, 1994, p. 99).

Assim, no que a política imperial se enfraquece por causa das cisões internas nos partidos Conservador e Liberal, principalmente por conta da Lei do Ventre Livre, há uma abertura para a participação de grupos até então marginalizados **politicamente**<sup>9</sup> que viriam a contestar o *status quo* imperial a partir de instituições como clubes, sociedades e periódicos. Entretanto, conforme assinala Alonso, esse movimento se constitui a partir de uma **convergência negativa** em decorrência da experiência compartilhada de marginalização política, visto que

as instituições imperiais prejudicavam suas carreiras ou bloqueavam seu acesso às posições de proeminência no regime imperial, fosse por não pertencerem aos estamentos senhoriais, de onde se extraía a elite imperial, fosse por serem membros de suas facções politicamente subordinadas (ALONSO, 2002, p. 43).

Devemos levar em conta, porém, que, além de se constituírem negativamente em relação ao regime, esses agentes políticos também constituíam-se negativamente **entre si**, seja por conta de divergência dos projetos políticos que defendiam, seja por conta da própria competição que permeava suas relações, tendo em vista não só a exiguidade de posições por eles disputadas, mas também o público restrito ao qual se dirigiam a partir das plataformas de difusão disponíveis, como *meetings*, opúsculos, livros e jornais.

---

<sup>9</sup> Cabe salientar que, apesar de marginalizados politicamente, esses agentes faziam parte de uma elite intelectual que possuía meios materiais para conferir publicidade às suas demandas.

Dado que a imprensa concentra os interesses do presente trabalho, faz-se necessária uma leitura mais próxima do contexto de produção do jornal e de como os autores se inseriam nos veículos.

Ao tratar da imprensa na República Velha, Sérgio Miceli (1977, p. 72) esboça rapidamente as relações entre autores e ofício jornalístico ao longo da segunda metade do século XIX: de prática "tolerada" para alguns românticos (como Alencar e Macedo) passa a ser, para certos literatos da geração de 1870, fonte de renda complementar cada vez mais importante, tornando-se, por fim, atividade central para os, por ele chamados, "anatolianos", os quais constituem o enfoque de seu estudo. Interessa-nos aqui especificamente a "geração 1870", sobretudo os colaboradores da *Gazeta de notícias* que participaram das "Balas de estalo", dentre os quais podemos destacar os seguintes nomes: Ferreira de Araújo (1848 - 1900), Machado de Assis (1839 - 1908), Henrique Chaves (1849 - 1910), Demerval da Fonseca (1852 - 1914), Valentim Magalhães (1859 - 1903) e Capistrano de Abreu (1853 - 1927). Além da atividade na redação do jornal, todos acumulavam outras atividades profissionais, seja como funcionários públicos, seja como profissionais liberais, conjugadas com alguma prática literária.<sup>10</sup> Leonardo Pereira (1994) nos traz um desabafo muito eloquente de Valentim Magalhães a esse respeito:

A gente aqui pode ser literato como queira e tanto quanto queira, com a condição de ser, antes de literato, qualquer outra coisa. Esta coisa pode ser qualquer, como tenho a honra de lhes dizer: – bacharel em direito ou caixeiro, médico ou botequineiro, rábula ou sacristão, andador de almas ou diretor de secretaria, coronel da guarda nacional ou sapateiro, juiz ou tipógrafo, amanuense ou cigarreiro. Qualquer desses misteres constitui a "obrigação", as letras a "devoção". Aquilo é que dá as "louras" e o pão, isto apenas dá os louros ou... pau" (MAGALHÃES, 1887 apud PEREIRA, 1994, p. 9-10).

---

<sup>10</sup> Segue a relação de profissões acumuladas pelos autores além da colaboração na imprensa: **Ferreira de Araújo** era diretor da *Gazeta*, dramaturgo e médico (exerceu a medicina até 1877); **Machado de Assis**, além de escritor, era alto funcionário público vinculado ao Ministério da Agricultura e dos Transportes, ocupando o cargo de primeiro oficial da Secretaria de Estado do referido ministério a partir de 1873; **Henrique Chaves** era dramaturgo, tradutor de peças teatrais e fora taquígrafo; **Demerval da Fonseca** era médico e dramaturgo; **Valentim Magalhães** era poeta, contista e advogado; **Capistrano de Abreu** era historiador, servidor público na Biblioteca Nacional (1879 -1883) e professor do Colégio Dom Pedro II (1883 – 1899). Encontramos na *Gazeta* anúncios de Araújo, Magalhães e Demerval indicando o endereço da redação como endereço profissional; o caso do último é mais curioso ainda: no dia 04/07/1882 encontra-se, em uma mesma página, anúncios do Demerval-médico e do Demerval-dramaturgo. (*Gazeta de notícias*, 04/07/1882, ed. 183).

Entretanto, pensamos que essa dualidade apresenta uma falsa oposição, tratando-se mais precisamente de uma relação complementar entre "obrigação" e "devoção", na qual uma alavanca a outra. Conforme Angela Alonso, "o entrelaçamento entre vida política e intelectual era tão forte, que era quase impossível ascender ao parlamento sem ter escrito antes uns poemas" (ALONSO, 2002, p. 113). Desse modo, podemos depreender que a imprensa da época desempenha nesse jogo uma função social de vitrine em que o homem de letras pode se projetar enquanto homem público, sendo um espaço fundamental por meio do qual autores da elite intelectual brasileira – marginalizada ou não marginalizada politicamente – disputavam o reconhecimento material e simbólico de um público em formação.

### **3. Penas em riste: a polêmica em seu espelho paródico**

Reatando os pontos deixados em aberto antes desse breve excursão pelas condições materiais e ideológicas da imprensa brasileira do final do século XIX, é oportuno situar o leitor acerca da série “Balas de estalo”, anteriormente mencionada, mas ainda não comentada com mais vagar. Publicada diariamente na *Gazeta de notícias*, entre 1883 e 1886, a seção coletiva “Balas de estalo” teve seus textos assinados por vários pseudônimos<sup>11</sup>, versando sobre as mais diversas imbricações entre política e cotidiano por meio de um viés humorístico bastante agudo. José do Egito, pseudônimo de Valentim Magalhães, realiza uma boa síntese das linhas gerais da seção em uma espécie de “receita de bala de estalo”, publicada aproximadamente um mês após o início da série<sup>12</sup>:

---

<sup>11</sup> Segue a relação dos principais pseudônimos que integraram a série e de seus respectivos autores empíricos: Lulu Sênior (Ferreira de Araújo), Zig-Zag (Henrique Chaves), Mercurio e Blick (Capistrano de Abreu), Lélío (Machado de Assis), José do Egito (Valentim Magalhães), Publicola (Demerval da Fonseca). Não há consenso sobre a correspondência pseudônimo-autor empírico nos seguintes casos: Décio (poderia ser Demerval da Fonseca ou Affonso Montauray), João Tesourinha (poderia ser Francisco Ramos Paz ou Henrique Chaves). Os pseudônimos Ly, Carolus, João Bigode, Confúcio e Farina permanecem sem autoria atribuída, apenas sugerida no caso dos três primeiros (poderiam ser, respectivamente, Manuel da Rocha, Carlos de Laet e Henrique Chaves). Janaína Tatim sistematiza essa correspondência e as fontes disponíveis em sua monografia (TATIM, 2014, p. 27).

<sup>12</sup> Ana Flávia Cernic Ramos (2005) faz um levantamento de diversas representações das “balas de estalo” realizadas dentro da própria série, incluindo a citada no presente trabalho. Entretanto, a citação de trechos



— Unam-se a força e a graça, a artilharia e os confeitores – Castelões e Krupp. Descubramos um projétil que participe, a um tempo, do amargo da guerra e da guerra aos amargos. Que fira, mas docemente. Que estale, que bata, que fira, mas que passando o **estrago**, se dissolva em doçuras no paladar da vítima. (José do Egito, “Balas de estalo”, *Gazeta de notícias*, 08/05/1883, p. 2, grifo do autor)<sup>13</sup>.

Desse modo, os textos da seção “Balas de estalo” se assentariam em uma ambivalência que equilibrava a leveza do texto humorístico com a crítica mordaz às instituições imperiais e aos indivíduos cujos comportamentos eram vistos como desviantes, percebendo-se uma postura pedagógica assumida pelos colaboradores da série em maior ou menor escala.

Essa postura moralizante fica patente na crítica à prática da polêmica literária realizada por Lulu Sênior, pseudônimo de Ferreira de Araújo, na “bala de estalo” publicada em 01/02/1884:

Quando um criado me engraxa mal as botas, eu sinto a necessidade de lhe mostrar que as botas estão mal engraxadas, e de o mandar engraxá-las outra vez; entendo, porém, que é perfeitamente inútil dizer-lhe que ele é um cavalo, porque não engraxa bem botas. Quer-me parecer que em polêmica deve ser o mesmo. Um sujeito diz-me que eu errei. Se me convence, a minha obrigação é calar-me, ou agradecer-lhe, ou, quando muito, ladear a questão; se não me convence, o meu interesse é provar-lhe que não errei tal, e que quem erra é ele dizendo que eu errei. Se, porém, em vez disto, eu limito-me a chamá-lo de burro, o leitor torce o nariz, e já lhe fica pelo menos a suspeita de que a acusação tinha o seu fundo de verdade. (Lulu Sênior, “Balas de estalo”, *Gazeta de notícias*, 01/02/1884, p.2)

Com uma leitura isolada da crônica, podemos depreender do texto um entendimento de que o ofício literário, cujo caráter profissional acentua-se por meio do paralelo com a atividade do engraxate, poderia ser criticado, contanto que a crítica não

---

reproduzidos em referências bibliográficas – como essa em questão – não nos exime da leitura nas fontes primárias, procedimento de pesquisa que leva em consideração fatores como a diagramação, os demais textos que circundam o objeto de análise e, inclusive, possíveis erros tipográficos. Com isso, contorna-se a higienização do texto causada por sua transposição para outros suportes, como livros, dissertações, teses etc.

<sup>13</sup> A ortografia dos textos citados dos jornais foi atualizada.

se revertesse em ataque pessoal ao autor, sob pena de a capacidade analítica do ofensor poder vir a ser desacreditada perante o público leitor.

Se afastarmos a lente e observarmos o contexto de publicação imediato do jornal, contudo, encontramos subsídios para uma leitura mais refinada. Além de condenar uma prática constante no ambiente jornalístico, essa bala de estalo é publicada **paralelamente** a uma polêmica literária entre Valentim Magalhães, responsável pela coluna diária “Notas à margem”, da *Gazeta*, e Silvio Romero<sup>14</sup>. O texto de Magalhães, também publicado no dia 01/02/1884, nas "Notas à margem", é bastante ilustrativo a respeito do nível ao qual uma polêmica pode chegar, trazendo, inclusive, o seguinte alerta: “para que ninguém se engane ou se possa queixar de que não avisei do perigo a todo o mundo, aqui penduro uma taboleta de prevenção: LEITURA PARA HOMENS!” (Valentim Magalhães, "Notas à margem", *Gazeta de notícias*, 01/02/1884, p. 2). Feito isso, ele discorre sobre a poesia de Romero, tratada como pornográfica, encerrando o texto com a seguinte resposta a um insulto dirigido a ele pelo autor sergipano:

Para concluir, visto que este artigo se ocupa de pornografia neo-criticista-teuto-sergipana e que não há senhoras presentes, darei ligeira resposta a uma das graçolas com que Silvio procurou pulverizar-me na opinião pública. Foi esta: "Ele (**eu**) acredita-se um colossal, um himalaico inovador, ele, o **sopro equívoco saído detrás** de Ramalho Ortigão e Guerra Junqueiro."<sup>15</sup> Obrigado pela amabilidade, meu Silvio. Mas olha; tu bem conheces a fisiologia do **sopro equívoco**; tu bem sabes que ele é sempre o *avant-coureur*, o batedor de uma outra entidade – mais sólida e mais corpulenta. Pois bem, Romero: – eu nada mais faço na literatura, eu, pobre **sopro equívoco**, do que anunciar aos povos que tu aí vens, atrás de mim. Venho à frente, trazendo a urna dos teus perfumes e bradando às turbas: – Abram alas! Abram alas: – Aí vem Silvio Romero, o grande ca..... pitão!<sup>16</sup> (Valentim Magalhães, "Notas à margem", *Gazeta de notícias*, 01/02/1884, p. 2, grifos do autor)

---

<sup>14</sup> A série de artigos de Silvio Romero que integra a polêmica foi publicada na *Folha nova* sob o título “Polêmica literária: coças em Valentim Magalhães” e, em setembro de 1884, adaptada e recolhida em livro intitulado *Valentim Magalhães: estudo*. Os artigos de Valentim Magalhães também foram recolhidos em livro intitulado *Notas à margem dos Últimos harpejos*, sendo publicados em julho de 1884. Ambos os volumes foram publicados pela Livraria de Serafim José Alves.

<sup>15</sup> Esse ataque por parte de Romero não foi encontrado na *Folha nova*.

<sup>16</sup> Os pontos em “ca.....pitão”, à maneira de reticências, forçam a quebra de linha na coluna do jornal com o intuito de intensificar o efeito cômico.

Observamos, pois, uma contradição no mínimo curiosa, visto que, na mesma página, encontramos o texto de Lulu Sênior, pseudônimo do diretor do jornal, criticando a postura personalista e baixa dos polemistas e o texto do colega de redação Valentim Magalhães que cruza o limite do escatológico – ainda que em linguagem requintada. Considerando que a crítica do primeiro se aplica ao comportamento do segundo, seria uma reprimenda interna? Apesar de não podermos chegar a uma conclusão definitiva e nem ser esse o interesse da presente leitura, é muito pouco provável que Magalhães publicasse sete textos seguidos criticando a poesia de Romero e – principalmente – sua pessoa se a direção do jornal não estivesse de acordo com tal atitude e procedimento.

Em *Verdade tropical*, Roberto Ventura analisa o papel da polêmica na imprensa brasileira da segunda metade do século XIX e sua contribuição para a formação da crítica literária e do pensamento brasileiro, afirmando que, na polêmica, “o ‘inimigo’ se torna o intermediário de um processo comunicativo entre o polemista e seu público, cuja adesão é disputada pelos contendores” (VENTURA, 1991, p. 148). Sendo assim,

o leitor é promovido à posição de árbitro na disputa, campo em princípio neutro que recebe tanto o discurso do locutor quanto o de seu adversário, sendo a retórica empregada com o intuito de persuadi-lo. O polemista ora debate com o adversário, ora se dirige ao público, de modo a conquistar a sua simpatia, como os atores que se voltam diretamente para a audiência durante a representação teatral (VENTURA, 1991, p. 148).

Analisando a postura supostamente hipócrita da *Gazeta* de publicar uma crítica à polêmica, sendo que tratava-se de um procedimento demonstrado na mesma edição por um de seus redatores, podemos inferir, a partir da leitura de Ventura, que o respaldo para as ações de Valentim Magalhães seria o seu potencial de, por meio da polêmica, atrair público e, por conseguinte, reconhecimento simbólico e material – tanto para o autor quanto para o periódico. Não é por acaso que a própria série “Balas de estalo”, uma das seções mais prestigiadas do jornal, tenha sido palco de certa recorrência de polêmicas entre os próprios pseudônimos, chegando, inclusive ao duelo fictício.

Todavia, há um desdobramento interessante relacionado a essa discussão sobre a postura – ou melhor, sobre a descompostura – na imprensa. No dia 03/02/1884, Zig-Zag publica uma bala em que critica o livro de versos intitulado *Irradiações*, supostamente escrito por ninguém menos do que Lulu Sênior:

Toda a gente – disse não sei quem – exceto os idiotas, é poeta em uma certa idade e em certas horas, porque a emoção poética, considerada naquele que a experimenta, não é senão uma exaltação mais ou menos duradoura e frequente da inteligência, acima do nível ordinário.

Não sei a idade, nem as horas em que Lulu Sênior foi ou é poeta. O que sei, e o que os leitores vão igualmente saber, é que ele acaba de publicar um livro em que se revela tão mau poeta, como prosador e confeitoiro. (Zig-Zag, "Balas de estalo", *Gazeta de notícias*, 03/02/1884, p.2)

Ao longo da crônica, Zig-Zag analisa excertos de poemas cuja autoria é atribuída ao colega, criticando suas debilidades formais e sua falta de inspiração e talento. Ao término do texto, Zig-Zag prevê a reação ofensiva do “poeta”, inclusive levantando a possibilidade de este atribuir-lhe a autoria de obras que ele não escrevera:

**Naturalmente, Lulu há de vir, com quatro pedras na mão, chamar-me isto e aquilo, e atribuir-me versos que não fiz e prosas que não escrevi.** É da ordem natural que as vítimas se revoltam contra os algozes. Como, porém, da execução em público, deste e outros verzejadores de má morte há de resultar a regeneração da Arte, eu cá estou no meu posto, para o que der e vier.

Apenas uma restrição:

Se Lulu Sênior me insultar, chamá-lo-ei à responsabilidade (Zig-Zag, "Balas de estalo", *Gazeta de notícias*, 03/02/1884, p.2).

Como esperado por Zig-Zag, Lulu Sênior publica uma réplica na bala do dia 05/02/1884, dando início à polêmica fictícia que apareceria em mais oito crônicas ao longo do mês. Em seu texto, o pseudônimo assume a autoria da obra, embora não se lembre de a ter produzido ou publicado, visto que, por conta de sua dedicação intensa aos seus estudos e aos seus livros, não teria tempo para verificar a procedência dos versos:

[...] não tenho tempo para reparar se me cai aqui ou ali um volume de versos, um drama, um tratado de filosofia, uma história universal, como não reparo quando me cai um botão da camisa, ou quando se me desatam os cordões da ceroula. (Lulu Sênior, "Balas de estalo", *Gazeta de notícias*, 05/02/1884, p.2).

Já no começo do texto podemos identificar o uso da autoironia por Lulu Sênior, recurso formal bastante utilizado pelo pseudônimo, ao alinhar a produção de sua suposta – e vasta – obra com acidentes do vestuário; no decorrer da crônica ele segue com a mesma postura, defendendo seus poemas com bastante furor, ainda que sem argumentos plausíveis. Ao contrário de Zig-Zag, que em sua primeira crônica não personalizou a

crítica, se atendo à leitura dos poemas – ainda que sugerindo a fragilidade intelectual do colega – , Lulu Sênior irá fazer ataques diretos ao “crítico”, garantindo que provaria a “bestialidade” de Zig-Zag. Após tal promessa, o pseudônimo dirige-se ao público buscando sua simpatia, assumindo uma postura semelhante à sinalizada por Roberto Ventura:

E a propósito de bestialidade, devo aqui uma explicação ao público. Lamento profundamente que, em virtude de um convencionalismo idiota, que se estriba em um pudor que não tem razão de ser nos nossos tempos, esteja um crítico como eu impossibilitado de usar certos termos enérgicos, de que o povo se serve com o seu natural bom senso.

É verdade que em alguns livros já desponta a aurora dessa regeneração literária, e é de crer que eu me decida a escrever um livro a respeito desta questão com o imbecil do Zig-Zag, para poder imprimir aí, por minha conta e risco, tudo o que entender que lhe devo dizer. Aqui, no jornal, não há remédio senão submeter-me à banal delicadeza – o que é um verdadeiro sacrifício, tendo de dirigir-me a um asno acabado como é o Sr. Giga-Joga. (Lulu Sênior, "Balas de estalo", *Gazeta de noticias*, 05/02/1884, p.2)

Ao longo do texto, Lulu Sênior irá rebater as críticas de Zig-Zag a respeito da metrificação dos versos, escudando-se em erros de tipografia – assim como Silvio Romero o fez em seus textos – e, em última análise, na superioridade da ideia ante a forma:

Que importa que eu diga: Zig-Zag é um azêmola, em uma linha só, ou em duas, ou em uma porção delas? A ideia é sempre a mesma, justa, correta, germânica. Quanto à forma, *je m'en bats l'oeil*. Destas questões só fazem caso os indigentes da ideia. Os piores poetas do nosso tempo são os seus melhores metrificadores. A ideia! a ideia! *that is the question*. Para saber escrever, isto basta (Lulu Sênior, "Balas de estalo", *Gazeta de noticias*, 05/02/1884, p.2)

Nesse excerto, Lulu Sênior apropria-se diretamente de uma frase de Silvio Romero, que, após uma bateria de justificativas sobre os metros empregados, dirigira o seguinte ataque a Valentim Magalhães: “só de uma coisa não te lembras, e é da figura desfrutável, sebosa, valentiana, que fazes, pedanteando sobre metrificação. Fica sabendo que **os piores poetas do nosso tempo são os seus melhores metrificadores**” (Silvio Romero, “Coças em Valentim Magalhães”, *Folha nova*, 30/01/1884, p. 3, grifo meu). Com essa referência, além de outras alusões a Romero, Lulu Sênior incorpora, de certa forma, uma caricatura do autor sergipano enquanto um anti-modelo de crítico.

Todavia, isso não constitui uma defesa de Magalhães, o que pode ser justificado por dois pontos. Primeiramente, além de se identificar com Romero, Lulu Sênior também se identifica como um membro da **nova geração**, termo utilizado por Valentim Magalhães para circunscrever poetas que ele julgava talentosos – conjunto no qual Valentim possivelmente se incluiria.<sup>17</sup> Em segundo lugar, ao criticar o procedimento analítico de um dos polemistas, Lulu Sênior também critica o método do outro, visto que ambos compartilhavam da mesma metodologia. Roberto Ventura reconhece nesse tipo de procedimento um **padrão reflexivo e dual** de oposição, dado que nas polêmicas “as semelhanças eram, em geral, mais relevantes do que as supostas diferenças entre os adversários, que se lançavam aos ataques pessoais, como forma de enfatizar retoricamente sua individualidade e originalidade” (VENTURA, 1991, p. 78).

Nos excertos apresentados da paródia de polêmica literária travada na *Gazeta de notícias*, Zig-Zag demonstra acreditar que “da execução em público, deste [de Lulu Sênior] e outros versejadores de má morte há de resultar a regeneração da Arte” (Zig-Zag, “Balas de estalo”, *Gazeta de notícias*, 03/02/1884, p.2). Não perdendo de vista a carga irônica presente na gravidade da sentença do pseudônimo, tal postura repercute um “discurso polêmico” entranhado na experiência brasileira e envernizado pela apropriação das ideias evolucionistas, o que garantia à polêmica um papel importante no processo de seleção e exclusão de obras e autores em uma espécie de *struggle for life* literário. Conforme o padrão reflexivo e dual de Ventura, a disputa personalizada pelo poder dá a tônica da realidade brasileira do século XIX em decorrência “da ausência ou pouca relevância de instâncias dotadas de legitimidade para regulamentar e disciplinar os conflitos, estabelecendo os seus parâmetros: imprensa especializada, comunidade acadêmica, partidos políticos, aparelhos judiciário e policial” (VENTURA, 1991, p. 148). Assim, embates entre coronéis por poder local e embates entre literatos por publicidade seriam, guardadas as proporções, manifestações de um mesmo substrato

---

<sup>17</sup> Os membros da “Nova geração” apontada por Valentim seriam Raimundo Correia, Alberto de Oliveira, Teófilo Dias, Luiz Murat, Silvestre de Lima, Filinto de Almeida e Assis Brasil, contando ainda com um Mario cujo sobrenome não foi citado e que não identificamos. Esse grupo não coincide com o panorama traçado em 1879 por Machado de Assis no ensaio “A nova geração”, à exceção de Teófilo Dias e do próprio Valentim Magalhães.

cultural orientadas por valores como honra e coragem, tendo por modelo de reparação a retaliação pessoal.

#### **4. Considerações finais**

Nas passagens destacadas ao longo deste artigo fica explícita uma virada brusca de posicionamento por parte do pseudônimo Lulu Sênior em um curto intervalo de tempo. Em um primeiro momento, ele se opõe ao comportamento dos polemistas, repreendendo seus excessos e sua falta de profissionalismo. Em seguida, incorpora uma caricatura de polemista, satirizando tal comportamento. Nesse deslocamento há uma incoerência entre os discursos do pseudônimo, que é irônica na medida em que é utilizada para criticar um comportamento a partir de sua caricatura, e é não irônica na medida em que o artifício formal do uso de pseudônimo no contexto da série possibilita uma margem de liberdade de manobra para o autor empírico, que não precisa respeitar qualquer continuidade a menos que isso lhe pareça conveniente. Podemos inferir a partir dessa amostra, amparada por uma leitura mais abrangente da série, que tais pseudônimos não se constituem enquanto personagens-narradores orientados teleologicamente, mas se constroem a partir da tensão entre o estilo e linhas de personalidade a eles atribuídas pelo autor empírico correspondente e a indeterminação histórica por ele experienciada, apresentando diversos gradientes de investimento e elaboração ficcionais.

Partindo dessa incoerência que não redundava em contradição, levanto a hipótese de que os pseudônimos nas “Balas de estalo” oscilem entre dois polos – a assinatura e o personagem constituído ficcionalmente. No primeiro polo, as ideias e estilo do cronista enfrentam uma menor opacidade por parte do pseudônimo, enquanto no segundo há uma preocupação maior com a autocaracterização, geralmente em abordagens que buscam situar o pseudônimo no “mundo real” – espacial e temporalmente –, por meio de anedotas. Penso que essa oscilação seja orientada por uma conveniência de procedimentos a partir da qual os autores utilizariam estratégias retóricas conforme o objeto ou temática abordados no texto; no caso da polêmica aqui discutida, faz-se necessária a obra fictícia dos pseudônimos para que o gênero e os sujeitos envolvidos

sejam mimetizados de forma mais complexa. Entretanto, tão logo a discussão perde o fôlego e o interesse, a paródia de polêmica se desvanece sem qualquer fechamento e a suposta obra dos pseudônimos deixa de existir, dando espaço para assuntos mais relevantes – um deslize do *Jornal do commercio*, uma peça de Artur Azevedo e sua repercussão...

## Referências

ABRAMO, Claudio Weber. “Brazil: a portrait of disparities”. **Brazilian journalism research**. Brasília, v. 3, n. 1, jan./jun. 2007. Disponível em: <<http://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/download/101/100>>. Acesso em : 20 jul. 2015.

ALONSO, Angela. **Ideias em movimento**: a geração 1870 na crise do Brasil-Império. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. [2ª ed.]. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FOLHA NOVA, A. Rio de Janeiro: **Tipografia da Folha nova**, 1882-1885.

GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro: Tipografia da Gazeta de notícias, 1875-?.

KOSERITZ, Carl von. **Imagens do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1980.

MICELI, Sergio. **Poder, sexo e letras na República Velha**. São Paulo: Perspectiva, 1977.

MINÉ, Elza. **Páginas flutuantes**: Eça de Queirós e o jornalismo no século XIX. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **O carnaval das letras**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1994.

RAMOS, Ana Flávia Cernic. **Política e humor nos últimos anos da monarquia**: a série “Balas de Estalo” (1883-1884). 2005. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2005.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

TARROW, Sidney. **O poder em movimento**: movimentos sociais e confronto político. Petrópolis: Vozes, 2009.



TATIM, Janaína. **De que são estas “balas”?** Um estudo sobre a seção “Balas de estalo” da *Gazeta de Notícias*. 2014. Monografia (Graduação) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2014.

VENTURA, Roberto. **Estilo tropical:** história cultural e polêmicas literárias no Brasil: 1870-1914. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.